



THE RISE AND FALL OF ZIGGY STARDUST
AND THE SPIDERS FROM MARS
david bowie

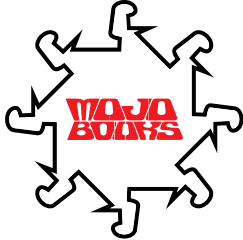
recontado por
MARIA LUTTERBACH



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

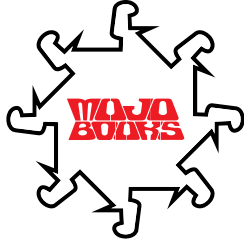
Danilo Corci
organizador



VOLUME 20

ZIGGY STARDUST
david bowie

recontado por **MARIA LUTTERBACH**



VOLUME 20

ZIGGY STARDUST
david bowie

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**


direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Abril de 2007

*Well all the people have got their problems
That ain't nothing new
With the help of the good Lord
We can all pull on through
We can all pull on through
Get there in the end
Sometimes it'll take you right up and sometimes down again*

UMA CAMADA DE PÓ



O calor que cozinha almas nos arredores da linha do Equador sobe das profundezas do inferno, e também deve ser de lá que vêm as centenas de formigas *habitués* do apartamento de Z. Hoje é o sexto dia do mês de janeiro de 2007 e Z resolveu, nas primeiras horas da manhã, que não está mais disposto a conviver com elas: chega de assistir a essa militância eterna por farelos de comida. No começo, até fingiu indiferença ao ataque, por pura preguiça de tomar qualquer providência contra as miseráveis, mas já são semanas de tolerância, a revanche precisa acontecer.

No quartinho dos fundos, em busca do inseticida, corre os olhos sobre uma pilha de velharias. Olhá-las assim, formando um balaio de histórias desconexas, é intrigante, embora essa talvez não seja a melhor hora pra mergulhar em regressões. Faz só três dias que Z abandonou o emprego, e ele ainda não tem idéia do que vai inventar pra se virar daqui pra frente. Por enquanto, o melhor plano que consegue improvisar tem a ver com a fúria de se ver livre das formigas.

Falar foda-se pro trabalho não era um problema, era uma

solução. O problema estava em começar a se sentir velho e compreender que suas rotas de fuga agora precisavam ser forjadas com uma dose extra de ousadia. daquelas coisas no quartinho, saía um eco de displicência. Camisetas velhas guardadas por ranço emocional, uma apostila com uma K7 do curso de italiano que não vingou, livros poucos, já lidos e relidos, e os discos que surtaram a vida dele.

A verdade é que justo na época em que o sangue ainda estava correndo rápido e as idéias brotavam na cabeça sem tanto esforço, Z tinha perdido tempo demais se distraíndo com a boa e velha trinca sexo+drogas+rock. Sem que ele notasse, um certo pó — de preguiça ou covardia — progressivamente cobriu seus sonhos e aspirações. Hoje, a camada de poeira tem uns dois dedos de espessura, fazendo Z cultivar dúvidas cabeludas: ainda existe fôlego pra alguma reviravolta?



GENOCÍDIO CASEIRO

Até então, não se prendeu a nada com muita valentia: nem trabalhos, nem mulheres, nem planos. Faz sentido que sua única preocupação nesta manhã quente seja acabar com as formigas e, na seqüência, com as latinhas de cerveja que restam como último sopro de vida na geladeira.

É claro que a grana do emprego no museu da estação vai fazer alguma falta, mas Z não é afeito a ansiedades, portanto decidiu ignorar as contas que infalivelmente serão depositadas debaixo da sua porta. Pra elas, por enquanto também vale um foda-se sem cerimônias. *Voilà*, ali está o inseticida, escondido na segunda prateleira do armário. Devidamente armado, extermina um por um os quatro focos de onde saíam as “soldadas vermelhas” e confere a morte dos pequenos seres com um sorriso de puro contentamento. O genocídio caseiro saiu mais divertido do que ele esperava e, agora sim, sua manhã começava muito bem, obrigado.

Quería se livrar também do calor, mas as gotas de suor insistiam em brotar de cada porozinho do seu corpo. Se as formigas



não eram mais problema, o verão ainda seguiria como tormento por, pelo menos, um mês e meio. Nunca gostou de calor, mas de uns anos pra cá tem mergulhado num pânico genuíno durante o verão — o clima até parece uma piada de mau gosto. Dessa vez a falação dos cientistas sobre o Apocalipse não é mera histeria; a Terra se derrete a passos largos e Z teme por isso, apesar de estar mais preocupado com o próprio desconforto.

Ainda que não assista ao fim dos tempos, ele sente na pele o anúncio do cataclismo. No trabalho, mesmo passando a maior parte do dia sentado, suava feito um cão danado catalogando os objetos no museu. O lugar quase não tinha ventilação, e Z era o que mais penava com os trinta e um graus dentro da sala onde fazia o serviço com mais cinco coitados. Chegando em casa, ainda tinha de aturar formigas trançando pra cima e pra baixo. Escapar do calor do museu e dar fim aos insetos na mesma semana era um feito e tanto.

Missão cumprida, volta ao quartinho pra devolver a lata de veneno. Não resiste e dá uma mexida nas quinquilharias. Elas não remetiam a nada grandioso, mas não era assim tão má idéia rir um pouco das próprias mazelas. Da juventude, por exemplo, se lembra de ter começado a pintar os olhos de preto pra compensar a falta de talento com a guitarra. Algumas meninas achavam



aquilo *sexy*, mas ele se pintava mais por vontade própria do que como estratégia de conquista. Uma ou outra vez, na seca, usou o truque *rocker* pra caçar, mas quando ele mais precisou, surtiu o efeito contrário. Ao longo dos anos, Z teve provas suficientes de que exala cheiro de desespero quando fica muito tempo sem trepar. Nas temporadas ruins, sempre afugenta fêmeas ao menor movimento de ataque.

Além do lápis no olho, sua cota de rebeldia se resumiu, ao longo da vida, às eventuais sabotagens ao trabalho e a um Z gigantesco tatuado na parte de trás da canela esquerda. A marca, feita aos dezessete anos, tinha rendido seu apelido; e isso era hilário porque nem ele conseguia saber direito os motivos da escolha da letra. Logo de cara entendeu que tatuagens ganhavam mais poder quando guardavam alguma história, e então passou a dizer pras mocinhas que o Z carimbado era homenagem a Ziggy Stardust, do David Bowie. O disco estava na moda naquela época.



RALO ABAIXO

Meio embriagado pelo calor e pelas memórias, cata no quartinho o velho vinil empoeirado. Tinha sido um disco-avalanche que fez ele perder o controle da nave por um bom tempo. Olhando agora, acha graça no tom de odisséia do título: *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*. Se a história fosse dele e o dia fosse hoje, podia ser carimbado com “A Ascensão e Queda de Z e das Formigas Vindas do Inferno”. Bobagem. Ele nunca viveu uma ascensão de verdade. Nem da faculdade tinha conseguido dar cabo. Nas fichas que eventualmente precisa preencher, Z escreve que é historiador, mas ele é quase. Largou o curso quando faltava menos de um ano pra coisa acabar.

Não que desacreditasse do próprio talento, mas esteve entretido demais com a sua rotina de discos, confusões e ressacas pavorosas pra perder tempo vasculhando dentro de si qualquer rastro de chama criativa. Entre umas e outras, encarou empreguinhos desinteressantes e deixou escapar três boas chances de ter uma mulher que valesse a pena. Andréa, Esther e Letícia desceram todas pelo mesmo ralo, e ele até sente algum remorso



por não ter se empenhado o bastante... Mas choramingar a essa altura do campeonato tampouco está nos seus planos.

Em vez disso, e já que hoje é sábado, escolhe abrir a primeira latinha pescada do fundo da geladeira, acender um cigarro e colocar o *Ziggy* pra rodar. Lado A, primeira faixa: uma faísca brilhante zune bem dentro da sua orelha — “Five Years”. Perfeita e deslizando feito a cerveja que afaga seu esôfago, lavando o calor/a faculdade abandonada/os empreguinhos e também Andréa, Esther e Letícia. Pra cada música, uma nova latinha, e seus calos já nem incomodam tanto. Pequenos dramas ficam ainda menores quando lembramos dos tantos outros que bóiam no mesmo caldeirão.



TRÊS PEITOS

Lola, por exemplo, é uma mulher interessante a ponto de Z estranhar que ela tenha escolhido levar a vida como caixa de banco. Ostenta sempre um sorriso meio amarelo naquela função chatíssima de bons-dias e boas-tardes em frente a notas e mais notas de dinheiro que não lhe pertencem. Esconde tragédias particulares como qualquer filho de Deus, mas sabe cavar suas ferramentas de sobrevivência. Além do sorriso amarelo, tem um outro, franco e bonito, que mostra pra Z uma ou duas vezes por semana, quando saem juntos.

Eles se encontram sempre depois do expediente e bebem consideravelmente antes de ir às vias de fato. Na primeira vez que viu Lola sem roupa, Z se surpreendeu um pouco ao notar um curioso terceiro mamilo bem debaixo do braço esquerdo dela. Não chega a ser nada alienígena, e Lola parece não se importar com aquilo, então Z também não liga.

Ele, sim, se sente um estranho no próprio corpo, como se alguma coisa estivesse sempre meio fora de lugar. Talvez por isso aquele terceiro peitinho lhe agrade; é só um indício mais



evidente de que os dois se farejaram pela bizarrice. Z de fato gostava de Lola, mas nos últimos dias ela andava se esgueirando com uma conversa sobre namoro e então foi ele quem começou a sentir brotoejas de pavor pipocarem pelos braços, pernas e costas. O medo tinha fundamento: qualquer amador aprende rápido que desastres sentimentais muito recorrentes podem acabar sendo fatais.

Acontece que hoje as formigas haviam sido trucidadas e aquele disco conseguiu de novo fazer cócegas dentro dele. Seria bem legal ter Lola por perto pra tomar umas cervejas e divagar um pouco. Z não é mais nenhum menino e alguma coisa neste sábado sussurra que pode ser hora de espanar fantasmas de estimação.



FLUTUANTE

Antes disso, precisa matar a fome, e isso significa enfrentar uma ida ao supermercado debaixo do sol desolador. Fósforos, bacon, mais cervejas e alguns carboidratos. No pacote de pão de forma, Z lê pela trigésima vez naquela semana a frase “Livre de Gordura Trans”. O aquecimento global fritando miolos sem misericórdia, o Apocalipse já com data marcada e a comoção nacional gira em torno da gordura trans.

Com três quarteirões e meio pela frente, sacolas pesando no braço e o sol gigante em cima de toda a cena, Z pára pra tomar uma Coca e fumar um cigarro na pastelaria. Qual não é sua surpresa ao chegar em frente ao lugar e notar uma plaquinha cínica que repete a ladainha: “Nossos produtos são Livres de Gordura Trans”. Logo atrás do vidro, oito pastéis se afundam numa poça fumegante de óleo. O calor é mais forte do que a indignação de Z, que já não tem idade nem paciência pra bater boca por café pequeno. Além do passado pra esquecer, ele tem um presente e um futuro ainda por inventar.

Os pés fincados de novo em casa, solta um suspiro e se der-



rama no sofá, largando as compras em volta. Difícil se manter animado quando até uma ida ao supermercado tem potencial traumático. Uma pálpebra depois da outra, se afunda em sono profundo e, sem aviso, começa a flutuar baixinho pelos cômodos da casa. Com as coisas tão fora de prumo, nem seria absurdo descobrir uma saída de emergência atrás do bidê ou ouvir uma mensagem de salvação escapulindo do rádio.

Mas não, nada de vestígios do além por enquanto, foi passageira a aventura sonâmbula. Os olhos arregalados conferem o corpo mole, ainda desacreditando da levitação. Pelo menos o passeio sem gravidade tinha servido de alívio: sentir o corpo sem o peso do tempo e de tudo era uma boa onda.



LADO B

Assim que consegue estocar as compras, caminha faminto até a *pick-up*. Dia esquisito o bastante para Z ganhar o direito de escutar o lado B. Assim que o piano de “Lady Stardust” atravessa a sala, ele sente os nervos palpitem e sapateia em cima da gordura trans/do fim do mundo/do próprio medo/ e do azar que não o deixa achar pistas nem durante o sono. Lembra-se também que Lola pode topar vir até o centro pra acompanhá-lo numa noite típica. Sair, se embriagar e voltar tropeçando pra casa às gargalhadas, remedando os casos imbecis contados por bêbados mais bêbados que eles.

Agora, que não precisa mais se arrastar até o museu e as formigas já não podem incomodá-lo, sobra algum tempo pra começar a tapar velhos buracos.

Encarando por esse ângulo, era quase uma vantagem ser um quase-fracassado: ninguém esperava muito dele, então qualquer tentativa seria praticamente um sucesso. Hoje, finalmente, Z presentiu um motivo pra comemorar. A decadência cutucava a sua porta, mas ele ainda podia fugir pela janela.



FIM

SOBRE O CANTOR

David Jones [Bowie] começou na música ao treze anos, mas só decidiu investir na carreira quando precisou de dinheiro para pagar a escola de artes, lançando o *single-hit Space Oddity* e marcando sua incursão num mundo de ficção. Em janeiro de 1972, numa entrevista para a *Melody Maker*, declarou ser *gay*, preparando a chegada de seu personagem mais marcante: Ziggy Stardust. Este tinha cabelo laranja e se vestia com roupas de mulher. Depois de Bowie, o cenário musical nunca mais foi o mesmo.

CRÉDITOS ORIGINAIS

THE RISE AND FALL OF ZIGGY STARDUST AND THE SPIDERS FROM MARS - DAVID BOWIE

Design e ilustração por David Bowie e Terry Pastor

Fotografia por Brian Ward & Mick Rock

Lançado em 6 de junho de 1972

Selo: RCA Records / Virgin Records

Produzido por David Bowie & Ken Scott

Para mais informações sobre o cantor, visite:

www.davidbowie.com

SOBRE A AUTORA

Maria Lutterbach é uma jornalista que gosta de ouvir e contar histórias — de verdade ou inventadas. É colaboradora da revista literária de bolso *MININAS* e escreve crônicas para o jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, do qual foi repórter de cultura por dois anos. Acaba de ganhar uma máquina de escrever Hermes original, mas vai continuar a usar o computador de vez em quando, pra postar no blog www.notasubmersas.blogspot.com.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

20 ZIGGY STARDUST

DAVID BOWIE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. FIVE YEARS
2. SOUL LOVE
3. MOONAGE DAYDREAM
4. STARMAN
5. IT AIN'T EASY
6. LADY STARDUST
7. STAR
8. HANG ON TO YOURSELF
9. ZIGGY STARDUST
10. SUFFRAGETTE CITY
11. ROCK 'N' ROLL SUICIDE

